

A LITERATURA DIASPÓRICA DE BUCHI
EMECHETA: REPRESENTAÇÕES
INTERSECCIONAIS EM *CIDADÃ DE
SEGUNDA CLASSE*

Bruna Agliardi Verastegui¹
Maria Angélica Zubaran²

Resumo: Este artigo tem por objetivo visibilizar a literatura diaspórica de Buchi Emecheta e analisar suas narrativas no livro *Cidadã de Segunda Classe* (2018). Portanto, o foco da análise são as representações interseccionais da protagonista Adah, ao relatar suas experiências como mulher nigeriana e pobre na diáspora em Londres. Suas narrativas se mesclam com as vivências da própria autora Emecheta, que migrou da Nigéria para a Inglaterra e, neste sentido, podem ser consideradas relatos autobiográficos permeados por elementos ficcionais. No âmbito teórico, faz-se uma articulação entre os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais, a partir das pesquisas de Hall (2013; 2016), Arfuch (2010), Collins (2021) e Quijano (1993), que contribuem para o entendimento de que as opressões de gênero, raça e classe possuem raízes coloniais que impactam as experiências vividas pelas mulheres negras. Em termos metodológicos, trata-se de uma análise cultural com foco nos conceitos de representação e interseccionalidade. De modo preliminar, observa-se que as opressões interseccionais relatadas por Emecheta rompem com o cânone hegemônico –eurocêntrico e masculino produzem outras formas de saberes e representações, que contribuem para o empoderamento das mulheres negras na diáspora na Europa.

Palavras-chave: Buchi Emecheta; *Cidadã de Segunda Classe*; Estudos Culturais; Estudos Decoloniais; Interseccionalidade.

1 Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: bruna_verastegui@outlook.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8605-6774>

2. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: angeliczubaran@yahoo.com.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7506-7387>

Buchi Emecheta's Diasporic Literature: Intersectional Representations in *Second Class Citizen*

Abstract: This article aims to make visible the diasporic literature of Buchi Emecheta and to analyze her narratives in the book *Citizen of Second Class* (2018). Therefore, the focus of the analysis is the intersectional representations of the protagonist Adah, when reporting her experiences as a Nigerian and poor woman in the diaspora in London. Her narratives merge with the experiences of the author Emecheta herself, who migrated from Nigeria to England and, in this sense, can be considered autobiographical accounts permeated by fictional elements. In the theoretical scope, an articulation is made between Cultural Studies and Decolonial Studies, based on the research of Hall (2013; 2016), Arfuch (2010), Collins (2021) and Quijano (1993), which contribute to the understanding that gender, race, and class oppression have colonial roots which impact the experiences lived by black women. In methodological terms, it is a cultural analysis focusing on the concepts of representation and intersectionality. In a preliminary way, it is observed that the intersectional oppressions reported by Emecheta break with the hegemonic canon – Eurocentric and masculine and produce other forms of knowledge and representations, which contribute to the empowerment of black Nigerian women in the diaspora in Europe.

Keywords: Buchi Emecheta; *Second Class Citizen*; Cultural Studies; Decolonial Studies; Intersectionality.

INTRODUÇÃO

A literatura nigeriana está em recente ascensão entre os leitores e pesquisadores brasileiros, principalmente por conta dos romances de Chimamanda Ngozi Adichie. Em 2013, a publicação de sua obra intitulada *Americanah*, foi alvo de amplo debate nos círculos literários em nosso país. Em pouco tempo, seus livros, lançados pela editora Companhia das Letras, viraram *best-sellers*.

Outros nomes da literatura nigeriana também foram notados aqui, tais como Teju Cole, autor do romance *Cidade Aberta*, publicado em 2011 nos Estados Unidos e em 2012 no Brasil; Taiye Selasi, autora da obra *Adeus, Gana* publicada em 2013 no Reino Unido e em janeiro de 2020 no Brasil; Ayòbámi Adébáyò, autora do livro *Fique Comigo*, publicado no Reino Unido em 2017 e em 2018 no Brasil; além de muitas outras produções recentes.

De acordo com Feldner (2019), a literatura nigeriana possui algumas particularidades interessantes e, dentre elas, destaca-se o fato de que a maioria dos escritores nigerianos residem na Europa ou nos Estados Unidos, mas preservam suas conexões com a Nigéria. Pode-se afirmar que esses escritores fazem parte da nova diáspora africana, pois se constituem em um grande grupo, que se deslocou do país de origem para um outro país de destino, apresentando certos padrões e características. Assim, é importante notar que essa literatura diaspórica não se limita à biografia de cada escritor, uma vez que suas produções vão além, abordando temas múltiplos, desde o conflito entre o lugar de nascimento e o local de destino, até a cultura do colonizador e a cultura tradicional da Nigéria, entre outros aspectos.

Nesse cenário da literatura diaspórica contemporânea, situa-se a escritora Buchi Emecheta e seu relato autobiográfico, *Cidadã de Segunda Classe* (2018), cuja protagonista Adah narra situações muito parecidas com as próprias vivências de Emecheta, que também se deslocou da Nigéria para Londres com os filhos para encontrar seu marido que para lá tinha se transferido em busca de melhores oportunidades para si e sua família. Portanto, a narrativa de Emecheta é analisada neste artigo não apenas como uma obra ficcional, mas também como um conjunto de relatos autobiográficos das experiências de uma mulher negra diaspórica em Londres. A própria autora declarou que as obras *Cidadã de Segunda Classe* (2018) e *No Fundo do Poço* (2019) são relatos sobre a sua vida como imigrante em Londres, com alguns elementos ficcionais.

Nesse sentido, Leonor Arfuch (2010), em seu livro *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, reflete sobre o espaço da biografia na contemporaneidade e argumenta que os modos de se narrar são redimensionados nos novos artefatos, já que mesmo existindo correspondência entre autor, narrador e personagem, os temas abordados nas narrativas autobiográficas não são totalmente “autênticos”, nem “reais”, mas representações do que já foi experienciado, memórias que são ressignificadas. Em outras palavras, deve-se focar muito mais no que os autores tentam representar através de suas escritas do que se ater à classificação da obra. Essa mescla entre o ficcional e autobiográfico é, segundo o pesquisador Schwartz (2013, p. 84), “uma das características mais marcantes do romance contemporâneo”.

Ademais, a obra *Cidadã de Segunda Classe* (2018), objeto de análise deste trabalho, será percebida também a partir de uma perspectiva decolonial, uma vez que as representações de gênero, raça e classe que marcam as narrativas de Emecheta demonstram que as relações de poder impostas pela colonialidade/modernidade submetem os sujeitos a padrões de sexo, raça e classe

(QUIJANO, 1993) em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos. Dessa forma, torna-se importante analisarmos as representações interseccionais de gênero, raça e classe na obra *Cidadã de Segunda Classe* de forma a salientarmos o impacto da colonialidade na produção de desigualdades específicas para as mulheres negras migrantes.

Vale destacar que o presente artigo foi construído a partir da articulação entre os Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais. No âmbito dos Estudos Culturais, usa-se o conceito de representação para analisar os relatos autobiográficos de Buchi Emecheta, visto que essas narrativas não são um espelho do real, mas sim um modo que a autora encontrou para impor suas significações através da linguagem e trazer à tona problematizações necessárias. Já no âmbito dos Estudos Decoloniais, faz-se uso, nesta pesquisa, de teorias e conceitos que analisam as representações a partir de um viés não hegemônico, fora do cânone europeu e de modo interseccional.

LITERATURA NIGERIANA: BREVE INTRODUÇÃO

De acordo com Feldner (2019), a literatura nigeriana é produzida em três espaços diferentes: na Nigéria, nos Estados Unidos e no Reino Unido, uma vez que os escritores, de maneira geral, migram de seu país de origem (Nigéria) para países que são considerados de “primeiro mundo”, em busca de melhores oportunidades. Esses escritores nigerianos contemporâneos mesclam ficção com experiências diaspóricas e o sentimento de pertencimento e rememoração são frequentes. Embora esses deslocamentos sejam um assunto recorrente na literatura nigeriana, ele não é o único: a “independência” do país, o conflito entre as tradições nigerianas, os costumes do colonizador, os embates e guerras no país pós independência, entre outros tópicos, são assuntos muito abordados e problematizados pelos autores.

É importante ressaltar que a literatura nigeriana que chega até nós, ocidentais, é aquela produzida por nigerianos que estão escrevendo em países considerados de primeiro mundo, e não aquela produzida no país de fato. Isso ocorre porque a literatura oral prevalece na Nigéria, isto é, o consumo de livros físicos ainda é baixo. Além disso, os autores nigerianos que temos conhecimento escrevem em língua inglesa. Para elucidar essa questão, Donna Haraway, em um de seus artigos, informa que os romances de Buchi Emecheta, na época de seus lançamentos, por exemplo, eram bastante lidos nos metrô da Grã-Bretanha, mas não ganhavam destaque nas salas de aula da Nigéria, já que o acesso e a compra

dessas obras no país não ocorriam de forma tão fácil quanto ocorria na Inglaterra e nos Estados Unidos (HARAWAY, 1990).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a literatura nigeriana a qual temos acesso não representa a totalidade do país, pois os escritores que residem na Nigéria certamente possuem pontos de vista diferentes, pois ocupam outras posições enquanto sujeitos. Por conta desse fato, a literatura nigeriana diaspórica abrange, de modo geral, quase todos os escritores nigerianos contemporâneos, visto que a maioria reside, escreve e publica fora da África, o que resulta em uma diáspora literária africana permanente (OKUYADE, 2010).

Segundo Resende (2013), os romances nigerianos, de modo geral, não são vendidos na Nigéria e, quando são, possuem preços exorbitantes, o que torna inviável o consumo dessa literatura pela grande maioria da população. A partir disso, percebe-se que a literatura concebida como nigeriana é muito mais difundida no Ocidente e, também, abrange apenas Lagos e o sul da Nigéria, deixando de lado quase todas as regiões ao norte do país. Além disso, destaca-se que muitas ficções populares desses locais também são excluídas e desconhecidas fora do território nigeriano (FELDNER, 2019).

Apesar dessas limitações que devem ser levadas em consideração, é importante destacar que a literatura nigeriana produzida por mulheres está em ascensão no cenário contemporâneo de publicações, trazendo questões de gênero, discutindo sexismo, questionando a subalteridade feminina e colocando em pauta temas que eram pouco representados e problematizados na literatura, como a desigualdade de gênero e a falta de protagonismo feminino. Conhecer mais acerca da literatura nigeriana, principalmente a literatura nigeriana feminina, torna-se fundamental para que as vozes dessas mulheres sejam ouvidas e que as questões de gênero e raça que atravessam as suas vidas não sejam mais invisíveis, evitando assim o equívoco de se pretender falar pelo outro.

Muitos autores e muitas autoras da Nigéria merecem destaque no âmbito da literatura. Florence Nwanzuruahu Nikiru Nwapa, mais conhecida como Flora Nwapa, que nasceu em 1931, em Oguta, e que estudou na Universidade de Ibadan e na Universidade de Edimburgo, foi professora na Nigéria até 1967 e, quando a Guerra de Biafra começou, tornou-se ministra da Saúde e Segurança Social. Flora também foi a primeira autora nigeriana de língua inglesa publicada internacionalmente, sendo a primeira mulher a participar da coletânea de escritores africanos da editora *Heinemann*, que contava com a produção de 26 homens. Ademais, Nwapa também foi “a primeira mulher negra em todo o oeste da África a ser proprietária de uma editora ao fundar a *Tana Press*” (TAG, 2017).

Após isso, Flora também fundou a *Flora Nwapa Company*, especializada em livros de ficção infantis.

Outro nome importante é o de Ayòbámi Adébáyò, escritora que nasceu em Lagos, em 1988. Formou-se em Literatura Anglófona na Universidade Obafemi Awolowo, na Nigéria, além de ter concluído seu Mestrado em Escrita Criativa na Universidade de East Anglia, Inglaterra, onde foi aluna de Chimamanda Ngozi Adichie e também de Margaret Atwood. Seu romance de estreia, *Fique Comigo*, foi publicado em língua inglesa em 2017 e em português brasileiro em 2018; o livro foi considerado uma das melhores obras publicadas no ano de seu lançamento pelos jornais *The Guardian* e *New York Times*, além de ter ganhado diversos prêmios e menções. A autora aborda em seu livro as tradições de seus país, como a poligamia, e as questões de gênero na Nigéria, tais como a maternidade compulsiva, o machismo, o patriarcalismo. Sua obra já foi publicada e traduzida em mais de quinze países.

Um nome também em ascensão na literatura nigeriana é Chigozie Obioma. O escritor nasceu em Akure, na Nigéria, mas hoje mora nos Estados Unidos e é professor de Literatura e Escrita Criativa na Universidade de Nebraska. Ele teve seu livro de estreia, *Os Pescadores*, publicado em inglês em 2015 e traduzido para o português brasileiro em 2016 pela Globo Livros. Recentemente, Obioma lançou o livro *Uma Orquestra de Minorias*, publicado no exterior e no Brasil em 2019. Suas duas obras concorreram a diversos prêmios, cujos quais venceu cinco e foi finalista do Prêmio Booker, no Reino Unido, duas vezes.

Em entrevista ao *Correio Braziliense* (2018), Obioma refere que seu país não tem o hábito da leitura e que, em geral, “ler é um ato agonizante na Nigéria”, pois as pessoas possuem muita dificuldade financeira e, portanto, precisam se preocupar em sobreviver, não tendo tempo para ir à bibliotecas e nem dinheiro para comprar livros (MACIEL, 2018). Essa questão nos ajuda a entender o motivo de muitos autores nigerianos serem reconhecidos internacionalmente quando passam a residir nos Estados Unidos ou Europa, mas não em seu próprio país.

BUCHI EMECHETA: VIVÊNCIAS E LITERATURA

Florence Onyebuchi Emecheta, mais conhecida como Buchi Emecheta, nasceu em 21 de julho de 1944, em Yaba, subúrbio de Lagos. Seus pais, Jeremy Nwabundinke e Alice Okuekwuhe, eram provenientes da comunidade de Ibusa, localizada no Delta do rio Níger, e faziam parte dos povos Igbo, um dos maiores grupos étnicos africanos da Nigéria, que residem no sudeste, sul e leste do país.

Seu pai era ferroviário, enquanto sua mãe era costureira. De acordo com Sylvester Onwordi (2017), filho de Emecheta, foi o contato com uma tia, que contava histórias para as crianças do vilarejo, que despertou nela o desejo de contar as suas próprias histórias. Em um dos ensaios de Emecheta (1988), pode-se perceber a forma como a tia da escritora foi fonte de inspiração para ela:

Foi em Ibusa que me deparei com contadores de histórias reais. Eu tinha visto alguns iorubás contando suas histórias e canções e batendo seus tambores enquanto nós, crianças, os seguíamos [...] de rua em rua. Entretanto, a contadora de histórias Igbo era diferente, porque ela sempre era a mãe de alguém. Minha Grande Mãe era minha tia. Uma criança pertencia a muitas mães. [...] Ficávamos sentados por horas a seus pés, hipnotizados por sua voz. Por meio dessas histórias, ela contava os feitos heroicos de seus ancestrais e todos os nossos costumes. Ela costumava contar de um jeito tão cantado que, até os meus catorze anos, eu costumava pensar que essas mulheres eram inspiradas por espíritos. Foi o resultado dessas idas a Ibusa [...] que decidi: quando crescer, seria uma contadora de histórias, tal qual minha Grande Mãe (EMECHETA, 1988, tradução nossa).

Em 1962, Emecheta se mudou para Londres com seus dois filhos, juntando-se ao marido Sylvester. No Reino Unido, eles tiveram mais três filhos, enquanto ela trabalhava como bibliotecária e seu marido estudava. Segundo seus relatos, seu casamento foi marcado por muitas agressões: quando Buchi terminou o primeiro manuscrito de seu livro, que estava escrevendo em seu tempo livre, Sylvester fez questão de queimá-lo. Aos 22 anos, a jovem se divorciou do marido, que alegou não ser pai de nenhum dos filhos de Emecheta. Sem condições financeiras, sozinha em um país estranho, ela continuou trabalhando para poder sustentar seus cinco filhos e a si própria e, à noite, estudava Sociologia, na Universidade de Londres, curso que concluiu com honras, apesar de tudo, em 1974.

Em sua autobiografia, intitulada *Head Above Water*, Emecheta afirma que ter sobrevivido na Inglaterra, sozinha, quando tinha apenas um pouco mais

de vinte anos, tendo que cuidar de quatro crianças pequenas e esperando a quinta foi um verdadeiro milagre (EMECHETA, 1986).

Ao analisar a trajetória de Buchi Emecheta, tanto como mulher, mãe, negra, quanto escritora, percebe-se que a escrita dela foi uma forma de sobreviver na diáspora em Londres. Suas produções trazem à luz temáticas que, ainda hoje, encontram certa resistência em serem consideradas “literatura de verdade”. É possível afirmar que Emecheta não estava preocupada na construção de uma estética literária por si só, mas sim em expressar suas vivências, sejam estas boas ou ruins. Escrever era uma necessidade, quase como uma “presença”, como afirma em *Cidadã de Segunda Classe*: presença, e não luxo; sonho, e não banalidade.

Audre Lorde (1977), no artigo “A poesia não é um luxo”, afirmou que a poesia não é algo raso ou dispensável, mas sim uma maneira de sobrevivência para as mulheres. Segundo ela, a poesia é algo essencial para a existência feminina, pois “ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia e, então como ação mais tangível” (LORDE, 2019, p. 47).

A escrita de Emecheta parece ter sido fundamental para sobreviver às agressões do marido e às adversidades de suas vivências diaspóricas, além de ter se constituído como uma estratégia para romper o silêncio e começar a falar. É importante ressaltar que Buchi Emecheta começou a escrever em Londres. Apesar de ser um sonho antigo da autora, ela só conseguiu realizá-lo após deslocar-se para a Europa.

É importante lembrar que a chamada literatura negra britânica foi construída, principalmente, por imigrantes. Enquanto os autores britânicos brancos retratavam os dilemas de pessoas brancas, a literatura negra britânica abrangia escritos em língua inglesa provenientes do “Caribe, Guiana, Índia, Sudeste Asiático, África e de outros povos do ex-império britânico, ou por seus descendentes nascidos e educados na Inglaterra” (BONNICI, 2011, p. 170).

Dentre os escritores negros diaspóricos, o nome de Emecheta se destaca, juntamente com outras vozes de mulheres, que a partir da década de 1970 passaram a escrever sobre “a condição da mulher imigrante negra no Reino Unido”. Segundo o autor, as obras *No Fundo do Poço* (1972) e *Cidadã de Segunda Classe* (1974), de Buchi Emecheta, foram de grande relevância para “retratar o contexto multicultural na sociedade britânica carregada de racismo e preconceito” (BONNICI, 2011, p. 176).

UMA CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE: REPRESENTAÇÕES INTERSECCIONAIS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Sobre a abordagem interseccional nos estudos sobre mulheres negras vale destacar inicialmente que o conceito de interseccionalidade foi sistematizado pela feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw (1989), que considera que a interseccionalidade é um conceito e uma metodologia que possibilita analisarmos as várias categorias sociais que marcam as vivências de sujeitos excluídos.

Teóricas feministas, entre elas Patricia Hill Collins (2020, p. 47), destacam que “questões específicas da vivência da mulher negra no Brasil, no cruzamento de racismo, sexismo, exploração de classe, cidadania de segunda classe e heterossexismo, tinham pouco reconhecimento” e ganharam espaço a partir das políticas identitárias coletivas que se fundamenta nas “experiências comuns de dominação, exploração e marginalização”.

Também Carla Akotirene, em estudo recente sobre o tema, contribui para o entendimento do conceito ao destacar que a interseccionalidade permite “sairmos das caixinhas particulares” a fim de termos uma visão mais ampla das opressões que atingem as mulheres negras. De acordo com a autora:

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas (AKOTIRENE, 2019, p. 48)

Além disso, as estudiosas do tema destacam que na perspectiva interseccional não há uma hierarquia de opressões, pois os sujeitos estão posicionados em diversos pontos a partir de suas experiências e intersecções. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que Emecheta e a protagonista Adah, não se encontram posicionadas em apenas uma categoria social, pois não são

apenas mulheres, mas mulheres negras diaspóricas, e esses múltiplos marcadores sociais posicionam os sujeitos em diferentes lugares. São, como já afirmamos, eixos estruturantes que marcam suas experiências cotidianas.

O livro *Cidadã de Segunda Classe* (2018), narrado em terceira pessoa, nos apresenta a protagonista Adah desde pequena, quando vivia na Nigéria, e já sonhava em estudar e mudar-se para a Inglaterra. Nesse sentido, através de suas narrativas, pode-se acompanhar um pouco de sua infância e de sua adolescência; aos dezesseis anos, casa-se com Francis e logo têm filhos; ao mesmo tempo, ela consegue um emprego como bibliotecária na Biblioteca do Consulado Americano, onde recebe um bom salário para os padrões locais. Por conta disso, Adah propõe a Francis que eles guardem uma parte do dinheiro que ela recebe para que possam migrar para o Reino Unido. Apesar de a ideia ter sido de Adah, o marido é quem se muda primeiro para a Inglaterra, a fim de estudar contabilidade em Londres. Após um tempo, Adah consegue convencer a família de seu marido de que ela também deveria se mudar com seus filhos para Londres, com o intuito de conquistar um futuro melhor. Contudo, ao chegar em Londres, percebe que a cidade não era como imaginara; por conta de sua origem, de sua raça e de seu gênero, relata que passou por muitas adversidades e enfrentou uma série de preconceitos e violências, tanto da sociedade, quanto de seu próprio marido. Observa-se que as opressões vivenciadas por Adah se entrecruzam de forma interseccional e não ocorrem apenas por ela ser uma mulher, mas também por ser uma mulher negra e imigrante.

Ademais, as vivências da personagem Adah reverberam os argumentos de Clifford (1994, p. 308) sobre a diáspora negra no Reino Unido pós-colonial, em que muitos migrantes construíram “novas identidades, negociadas entre permanecer africano e ser britânico, identidades mescladas, hibridizadas pelas histórias compartilhadas de escravidão, subalternização, racismo, hibridização e resistência”. Assim, a diáspora não é apenas um deslocamento geográfico, mas também um encontro de comunidades diaspóricas e de problemas e lutas que reivindicam e compartilham, formando uma “consciência diaspórica”.

Na obra *Cidadã de Segunda Classe* percebe-se que o discurso e as representações positivas do Reino Unido pelos nigerianos de classe média são introjetados pela personagem Adah e repercutem em seu desejo de migrar para o Reino Unido, presente desde quando era jovem. Nesse sentido, Kim Butler (2020, p. 1380), defende que diáspora passa a ser vista como algo desejado e “implica num potencial empoderamento baseado na capacidade de mobilizar apoio e influência internacionais, tanto na terra de origem quanto na de destino”

(BUTLER, 2020, p. 298). Portanto, para Butler, a diáspora não é apenas como um exílio forçado, mas também um desejo.

Entretanto, ao chegar em Londres, a personagem se depara com um cenário diferente do imaginado, já que a cidade lhe reserva “uma acolhida fria” (EMECHETA, 2018, p. 54). É a partir da chegada em Londres que a personagem passa a se deparar com as opressões de raça, um aspecto que não experimentava em sua terra de origem. Ela então passa a se perceber como Outro(a).

Mas se, como diziam, havia muito dinheiro na Inglaterra, então por que os habitantes locais recebiam os visitantes com aquele descaso, aquela frieza? Bem, tarde demais para queixumes, tarde demais para mudar de ideia. Mesmo que ela quisesse, seria impossível mudar de ideia. Seus filhos tinham de receber uma educação inglesa e por isso ela estava disposta a tolerar a mais fria das acolhidas, mesmo vinda do país de seus sonhos (EMECHETA, 2018, p. 54).

Assim, as representações idealizadas de Adah acerca do Reino Unido, a terra prometida, o “paraíso”, começaram a ser desconstruídas conforme a personagem ia adquirindo outras vivências no país de destino. Quando Adah chega ao local em que passaria a viver com seu marido, fica espantada ao constatar que o espaço em que iria residir com Francis e as crianças era um meio-quarto, que ficava em um prédio precário e apertado.

Além disso, Adah realiza, a todo momento, comparações entre o lugar em que se encontrava e sua terra de origem. Nesse sentido, é perceptível que a personagem faz comparações entre a disposição das casas em Lagos e as casas em Londres, demonstrando certo estranhamento ao entrar em contato com essas diferenças. Como refere Butler (2001), os sujeitos da diáspora recorrem frequentemente a uma construção sociocultural da terra de origem, não necessariamente almejando à volta, mas sim com o intuito de se sentirem conectados e ainda pertencentes aqueles costumes e saberes.

É interessante destacar que nem todos os sujeitos diaspóricos “terão os mesmos tipos de relacionamentos” com sua terra natal, uma vez que muitos sentimentos podem surgir dessa situação; entretanto, todos possuem uma forma de vínculo com a terra natal (BUTLER, 2020, p. 553). Para Stuart Hall (2003, p. 415), a experiência da diáspora pode ser definida como: “longe o suficiente para

experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada”.

Ao realizar as comparações entre os lugares, Adah decide questionar seu marido sobre a moradia, e é quase agredida, como observa-se no excerto abaixo:

Você podia ter encontrado acomodações melhores, se tivesse feito um esforço, só que não fez o menor esforço’, gritou Adah. Francis perdeu a paciência. Ergueu a mão, como se pretendesse estapeá-la, mas se controlou. Haveria tempo suficiente para isso, caso Adah tivesse a intenção de começar a dizer a ele como agir. Adah ficou um pouco assustada com o gesto de Francis. Em casa ele nem pensaria em espancá-la, porque a mãe e o pai dele não teriam permitido. Para eles, Adah era uma espécie de galinha dos ovos de ouro. Pelo jeito, na Inglaterra Francis não estava interessado em saber se ela punha ovos de ouro ou não. Finalmente estava livre dos pais, estava livre para fazer o que bem entendesse, e nem centenas de Adahs juntas haveriam de podar sua nova liberdade. O feio olhar de fúria que ele dirigiu a Adah deixou isso claro. [...] Adah achou que Francis a odiava. [...] Mas, mesmo que ela não tivesse mais nada a agradecer a Francis, ainda devia ser grata por ele possibilitar sua viagem para a Inglaterra, por lhe dar filhos, porque antes ela nunca tivera nada realmente seu (EMECHETA, 2018, p. 58-59).

A protagonista passa a vivenciar situações inesperadas e sentimentos desconhecidos em relação ao seu marido Francis, cujas representações deixam entrever os entrelaçamentos entre gênero e raça:

Você sempre se esquece de que é mulher e negra. O homem branco mal consegue nos tolerar, a nós, homens, isso para não falar em mulherzinhas desmioladas que nem você, que só pensam em amamentar os filhos’ [...]. O fato de Francis se recusar a ler seu livro já era ruim que chegue, mas ele ter chamado o livro de lixo sem tê-lo lido

machucava mais ainda, e ele dizer que ela nunca seria escritora porque era negra e porque era mulher era como matar seu espírito. Adah se sentia oca. E agora, o que mais poderia fazer? Para ela ficou óbvio que Francis seria incapaz de tolerar uma mulher inteligente (EMECHETA, 2018, p. 242-243).

Adah relata com frequência que seu marido Francis não aceitava que ela se tornasse uma escritora por ser mulher e negra. Segundo Kilomba (2019, p. 106), as mulheres negras “não veem necessariamente homens negros como antagonistas patriarcais, mas sentem que sua opressão racial é compartilhada por homens negros”; por conta disso, é necessário reconhecer que as estruturas que sustentam as marcas de raça e de gênero não são dicotômicas, mas complexas. Além disso, é importante destacar que, embora as mulheres, negras e brancas, estivessem sujeitas à opressão sexista, apenas “as mulheres negras eram submetidas a formas de opressão que nenhuma mulher branca precisou aguentar” (HOOKS, 2019, p. 198), visto que, ao mesmo tempo que tinham de lidar com a opressão de gênero, também sofriam a opressão de raça, pois o racismo não vinha apenas dos homens brancos, mas também das mulheres brancas. Segundo hooks (2020, p. 199-200), as mulheres negras não desejam saber se as mulheres brancas são mais ou menos racistas que os homens, só querem que as mulheres brancas admitam que são racistas.

Nesse sentido, Grada Kilomba (2019) afirma que as opressões de gênero, para as mulheres negras, não estão descoladas das opressões de raça, uma vez que essa “experiência envolve ambas, porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo”, o que Kilomba chama de racismo genderizado (KILOMBA, 2019, p. 94).

No excerto abaixo, quando Adah se muda com os filhos para o residencial chamado *Pussy Cat*, pode-se observar o imbricamento das opressões de gênero e raça:

Três dias depois que ela se mudou para o residencial, um homem, um homem muito furioso ainda que realmente muito pequeno, bateu à sua porta. Ela ficou tão surpresa com o ímpeto das batidas que foi à porta da frente com uma carranca no rosto. [...]. *‘Olha!’*, ele trovejou, *sem se dar o trabalho*

de se apresentar ou pedir licença. ‘Olha, eu não me importo com a sua cor!’. Adah deu um pulo. Cor, de que cor ele estava falando? Ela nunca tinha visto o Sr. Pequeno antes, a que cor ele se referia? Bom, a natureza humana sendo como é, Adah olhou para a cor do dorso da sua mão; bom, está bem, o Sr. Pequeno não se incomodava com a cor marrom, que mais? Com o que mais ele não se incomodava? Os olhos do Sr. Pequeno seguiram os movimentos dela e sorriram feliz. Ele tinha colocado Adah no lugar dela. Uma pessoa negra precisa sempre ter um lugar, uma pessoa branca já tinha um de nascença. [...] (EMECHETA, 2019, p. 34).

Conforme Kilomba (2019, p. 96) argumenta em seus estudos, essa situação não ocorreu apenas por Adah ser mulher, mas por ela ser uma mulher negra e ele um homem branco, pois “acontece nos âmbitos tanto da diferença racial quanto da diferença de gênero”. A pesquisadora também propõe que, para questionar essa relação do racismo genderizado, inverta-se a raça e o gênero da pessoa que está passando por essa opressão. Por exemplo, se Adah fosse uma mulher branca que acabara de se mudar, será que seu vizinho faria questão de humilhá-la e de “colocá-la em seu lugar”? Se Adah fosse um homem, será que seu vizinho usaria do mesmo tom agressivo para falar-lhe, ou reclamaria de seus filhos? Muito provavelmente não.

Questões de gênero também emergem de forma conflitiva quando relacionadas ao papel de esposa e mãe da protagonista Adah. Para seu marido Francis, Adah tinha várias obrigações como esposa e como mãe, conforme pode-se observar no excerto que segue:

‘Quem vai tomar conta dos seus filhos para você?’, perguntou Francis um dia, enquanto ela acomodava os bebês no sofá-cama. *‘Não posso continuar me encarregando, você vai ter que encontrar alguém. Não posso continuar tomando conta dos seus filhos para você’.* Na Nigéria, quando os filhos se comportavam bem, eram do pai, haviam puxado por ele, mas quando se comportavam mal, eram da mãe, haviam puxado por ela e pela velha mãe da mãe. Adah se assustou (EMECHETA, 2018, p. 67).

Essa visão das múltiplas responsabilidades da mulher nigeriana como esposa e mãe, antes aceitáveis para Adah, passaram a ser questionadas após seu deslocamento para a Inglaterra, como vemos na transcrição que segue:

Ela se perguntava por que nunca havia estranhado que só ela se preocupasse em saber como eles iam fazer para sobreviver, por que ela, e ela apenas, tinha a sensação constante de estar deixando desprovida as pessoas que amava, caso se afastasse do trabalho, mesmo que fosse para ter filho (EMECHETA, 2018, p. 140).

Adah relata ainda, que embora estivesse no último mês de gestação e sentisse muitas dores, não deixava de ir ao trabalho, para não desapontar Francis. Essa noção de que apenas ela devesse amparar sua família financeiramente, fez com que Adah tivesse de deixar de lado seus sonhos e objetivos para priorizar sua família.

Embora essas noções de gênero causem estranheza, é importante considerar que a categoria mulher não é universal, assim como seus direitos e obrigações. Segundo Oyewumi (1997), autora do texto *The Invention of Women: Making African Sense of Western Gender Discourses*, nas sociedades africanas, incluindo o grupo étnico igbo, ao qual Adah faz parte, a mulher ocupa múltiplas posições ao mesmo tempo. Embora Adah não estivesse mais na Nigéria, essas representações culturais das obrigações da mulher nigeriana, de cuidar de seu marido, dos filhos e de prover a família ainda persistiam. Contudo, com o passar do tempo, convivendo com outras mulheres britânicas no trabalho, Adah passa a ver seu marido de forma mais crítica, como pode-se observar:

Francis só servia para fazer filhos nela e ponto final. [...] O salário que Adah recebia no emprego mal dava para pagar o aluguel, os estudos de Francis, as taxas de seus exames, comprar os livros dele e pagar Trudy [a mulher que cuidava de seus filhos]. Sobrava pouco, de modo que Adah ficava impossibilitada de almoçar no trabalho. Em geral levava um ovo cozido, em vez de comê-lo durante o café da manhã. Mas às vezes se cansava daquele

único ovo cozido e do café fornecido pela biblioteca e não comia nada (EMECHETA, 2018, p. 85).

Nessa perspectiva, Adah começa a perceber que seu marido a via como uma pessoa inferior a ele simplesmente por ser mulher, já que não pensa em seu bem estar, apenas em ter suas necessidades atendidas. No excerto abaixo, percebe-se como as questões de raça, sozinhas, não dão conta de contextualizar todas as opressões, uma vez que, mesmo em um relacionamento entre pessoas negras, as desigualdades de gênero ainda existem. Daí a necessidade de pensar as representações de gênero e raça de uma maneira interseccional:

Para Francis, uma mulher era um ser humano de segunda classe; Adah servia para se deitar com ele quando ele quisesse, inclusive durante o dia, e, caso se recusasse, apanharia até criar juízo e ceder; para ser expulsa da cama depois dele se satisfazer; para lavar sua roupa e servir suas refeições na hora certa. Não havia necessidade de ter uma conversa inteligente com a esposa porque, entende, ela podia começar a ter ideias (EMECHETA, 2018, p. 239).

De acordo com Oyewuni (1997, p. 123-125), principalmente por conta do colonialismo, a mulher foi produzida como inferior e submissa ao homem em diferentes contextos. Assim, embora os homens africanos também tenham sido vítimas da colonização, também foram cúmplices, uma vez que mantiveram as opressões de gênero características do patriarcalismo colonial.

Outra situação difícil das vivências de Adah, foi quando esteve internada no hospital e enfrentou complicações no parto. Adah recebeu um dinheiro extra do seu trabalho, pois havia trabalhado até mesmo nos feriados, e decidiram recompensá-la. Entretanto, o marido de Adah decidiu usar esse dinheiro para realizar um curso, a fim de passar com mais facilidade nos exames da faculdade. Assim, a partir desse episódio, convivendo com outras mulheres na maternidade do hospital, Adah se questiona sobre sua própria vida e sobre suas perspectivas:

Durante os primeiros dias, quando Adah ainda estava resolvendo se valia a pena lutar para continuar vivendo aquela vida, as outras mulheres

lhe mostraram muitas coisas. Pareciam dizer-lhe que olhasse em torno, pois ainda havia muitas coisas bonitas para serem vistas que ela não havia visto, muitas alegrias a desfrutar que ela não desfrutara, que ela era jovem, que tinha a vida inteira diante de si (EMECHETA, 2018, p. 163).

A personagem Adah estava, de certa forma, aprendendo que existiam outras possibilidades de ser mulher e de se relacionar com o seu marido. De acordo com Leila Harris (2018, p. 10), em seu estudo acerca de *Kehinde*, outro livro de Buchi Emecheta, são muitas as dificuldades pelas quais as mulheres migrantes passam, pois têm a necessidade de “negociar entre as práticas patriarcais do país de origem e dos destinos diaspóricos”.

Quando Adah relata as frequentes brigas com seu marido Francis, ela enfatiza que agora os dois estavam na Inglaterra, não mais na Nigéria e, portanto, ela não precisava de sua assinatura para conseguir um emprego (EMECHETA, 2018, p. 233). Nesse aspecto particular, a diáspora passa a significar um espaço empoderador, em que ela consegue sobreviver enquanto mulher, mãe e trabalhadora, apesar das adversidades. Dessa maneira, é possível afirmar que as interações sociais e culturais na diáspora “não são apenas um reflexo pálido de uma origem “verdadeira” [...] mas a lógica que as governa envolve processos de transplante, sincretização, e diáspora...” que adquirem aspectos contingentes e paradoxais (HALL, 2003, p. 37).

Ademais, as próprias identidades diaspóricas não são fixas, nem são construídas e reconstruídas da mesma forma para todos os sujeitos, uma vez que estes serão atravessados por distintos elementos e influências, dependendo do local de destino e também do círculo social que o sujeito diaspórico estabelece no local em que passa a residir, o que podemos ver ao longo da narrativa, já que Adah vai modificando sua forma de ver o mundo e, conseqüentemente, seu modo de se relacionar com seu marido.

Pode-se observar também que, ao mesmo tempo em que Adah era alvo de diversas opressões, também percebia seus vizinhos como inferiores, revelando o aspecto estruturante das representações interseccionais, que atravessam os sujeitos produzindo diferentes tipos de desigualdades, inclusive entre os próprios excluídos. É reveladora a forma como Francis, seu esposo, reage as declarações de Adah:

Você deve saber, querida jovem *lady*, que em Lagos você pode ser um milhão de vezes agente de publicidade para os americanos; pode estar ganhando um milhão de libras por dia; pode ter centenas de empregadas; pode estar vivendo como uma pessoa da elite, mas no dia em que chega à Inglaterra vira cidadã de segunda classe. De modo que você não pode discriminar seu próprio povo, porque todos nós somos de segunda classe' (EMECHETA, 2018, p. 58, grifo da autora).

Esta representação de Adah como uma *Cidadã de Segunda Classe*, título do livro aqui analisado, demonstra o reconhecimento por parte do marido, de que em Londres eles não eram cidadãos plenos, pois enfrentavam uma série de limitações e dificuldades comuns aos demais imigrantes negros.

É importante destacar que a década de 1960 foi marcada por uma forte migração para o Reino Unido, principalmente por conta do incentivo do parlamento britânico, que necessitava de mão de obra para reconstruir seus espaços, uma vez que a guerra dizimou muitos homens. Entretanto, apesar de existir esse incentivo para que os sujeitos das ex-colônias migrassem, o que explica em parte a quantidade de migrantes vivendo em Londres, os sujeitos imigrantes negros eram vistos pelos brancos apenas como negros, não importando de onde vinham ou o que vieram fazer. Portanto, existia muito preconceito racial contra os imigrantes negros em Londres naquele contexto.

Outro momento da narrativa que revela o preconceito racial contra os imigrantes africanos foi quando o senhorio da casa em que o casal Adah e Francis residiam com seus filhos publicou um anúncio oferecendo as crianças de Adah para adoção, sem consultá-la. O senhorio e demais moradores começaram a pressioná-la para que aceitasse a situação, uma vez que “só cidadãos de primeira classe viviam como os filhos, não os negros”.

De acordo com María Lugones (2020, p. 63), o fato de classificar universalmente as pessoas ao redor do mundo com base na ideia de raça foi estabelecido pela “colonialidade do poder”, isto é, pelos homens europeus brancos que produziram uma maneira de controlar questões “da subjetividade, da autoridade e do trabalho”. Assim, as representações das pessoas negras como inferiores e das pessoas brancas como superiores têm origem a partir do sistema colonial.

O fato de Adah estar sendo pressionada a “doar” seus filhos, pois não era uma cidadã de primeira classe por ser negra, pobre e imigrante mostra que

essas classificações ainda persistiam na década de 1960 e, de certa forma, persistem até hoje. Cabe destacar que essas classificações e imposições não chegavam até Adah apenas pelos britânicos, mas também por seus vizinhos nigerianos:

[Adah] tinha um emprego de branco, embora todos ali tivessem manifestado suas críticas, e pelo jeito pretendia continuar nele. Não aceitava entregar os filhos em adoção como os outros; em vez disso, as crianças viviam com eles, como se ela e Francis fossem cidadãos de primeira classe, como se estivessem em seu próprio país [...]. Bom, se Adah e Francis queriam ser diferentes de todos os demais, então que fossem morar em outro lugar. [...] Sempre que pensava em seu primeiro ano na Grã-Bretanha, Adah não conseguia deixar de considerar a hipótese de que a genuína discriminação – se é que o nome correto é esse – que sofrera fora mais obra de seus conterrâneos do que dos brancos (EMECHETA, 2018, p. 103).

Esses conflitos vividos entre os sujeitos diaspóricos provenientes de um mesmo país, demonstra que as marcas de opressão são complexas e se entrecruzam de diversas formas. Neste sentido, é possível afirmar que as narrativas de Emecheta contemplam a complexidade das relações diaspóricas, deslocando-se das representações essencializadas, que tendem a apagar as diferenças e homogeneizar as experiências de diferentes sujeitos.

Adah, o marido e seus filhos foram expulsos do quarto onde moravam e precisaram buscar uma nova residência. A procura foi bastante difícil, “quase todos esses anúncios incluíam o aviso “Desculpem, pessoas de cor não são aceitas”. Assim, Adah enfrentou as opressões de raça e, após ouvir uma série de negativas, declarou: “Que alguns meses antes só teria aceitado o que houvesse de melhor, agora se condicionara a esperar por coisas inferiores. Estava aprendendo a desconfiar de tudo o que fosse bonito e puro. Essas coisas eram para os brancos, não para os negros” (EMECHETA, 2018, p. 104).

Em outras palavras, as opressões raciais estavam presentes no primeiro mundo. As marcas do colonialismo atravessavam fronteiras e se manifestavam em todos os âmbitos da vida social, “tornando-se, assim, a forma mais efetiva de dominação social, tanto material como subjetiva” e, como afirma Lugones (2020), racializando e inferiorizando as pessoas negras.

Adah, na esperança de conseguir um novo quarto, ligou para um dos anúncios de aluguéis que havia encontrado, apertando o nariz [...] com os dedos, para modificar sua voz. Estava segura de que a senhoria não a tomaria por uma mulher de Birmingham ou Londres, mas acharia que talvez ela fosse irlandesa, escocesa ou italiana falando inglês. Pelo menos todas essas pessoas eram brancas (EMECHETA, 2018, p. 108).

Dessa maneira, a protagonista tenta esconder suas “marcas” de negritude para conseguir ser aceita pela proprietária da casa. Conforme afirma Appiah (1997), no racismo estrutural, a noção de raça é construída a partir da aparência física das pessoas racializadas e de seus trejeitos, que incluem o modo de falar. Usando uma outra estratégia de ocultamento da cor, Adah marcou para conhecer o quarto à noite. Mesmo assim, a senhoria notou que ela e seu marido eram negros e “disse que sentia muito, os quartos haviam sido tomados pouco antes. Sim, [...]. O quarto havia sido tomado agora mesmo” (EMECHETA, 2018, p. 113).

Vale destacar que, mesmo a proprietária da casa sendo branca, não possuía alto poder aquisitivo e a casa e os quartos que alugava estavam em ruínas e eram bastante insalubres, o que mostrava que precisava do dinheiro do aluguel para se manter. No entanto, negou-se a alugar o quarto para o casal por eles serem negros.

Desse modo, as representações interseccionais de classe e raça atravessavam mais uma vez as experiências da protagonista Adah, deixando claro que não há uma hierarquia de opressões, isto é, não há uma opressão maior ou menor que a outra, mas sim diversas questões de gênero, raça e classe que se entrecruzam através dos distintos posicionamentos dos sujeitos, não sendo possível analisar uma categoria separada da outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é possível afirmar que as representações interseccionais de gênero, raça e classe que emergem no livro *Cidadã de Segunda Classe* (2018) tensionam o cânone hegemônico – europeu, branco e masculino e demonstram a complexidade das vivências das mulheres negras, tanto em seus locais de origem, quanto nos espaços diaspóricos.

Se por um lado, a protagonista Adah vivenciou humilhações e preconceitos tanto de pessoas brancas, como até mesmo do seu próprio marido, que a representaram como um ser inferior e incapaz, por outro lado, a convivência com outras mulheres, imigrantes e britânicas, no espaço diaspórico, serviu para empoderá-la e fortalecê-la levando-a a romper com seu marido e com as situações de violência doméstica por ele patrocinadas.

Assim, o presente estudo contribui para relativizar as noções de diáspora, particularmente para as mulheres negras, não apenas como espaços de opressão, mas também como *locus* de empoderamento feminino, como no caso de Adah que se redescobre capaz de sobreviver sozinha com seus filhos e ascender profissionalmente, mesmo sendo uma mulher negra e pobre na cidade de Londres.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Polén, 2019.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BONNICI, Thomas. Literatura negra e seu contexto britânico. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 3, n. 6, p. 169-190, set. 2011. Acesso em: 20 jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4564>.

BUTLER, Kim D. Defining diaspora, refining a discourse. **Diaspora: A Journal of Transnational Studies**, Toronto, v. 10, n. 2, p. 189-219, 2001.

BUTLER, Kim D; DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas.** São Paulo: Perspectiva, 2020.

CLIFFORD, James. Diasporas. In: MYERS, Fred R.; HARDING, Susan F. (Org.). **Further Inflections: Toward Ethnographies of the future**. Cultural Anthropology, Arlington, v. 9, n.3, p. 302-338, 1994.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **Universidade de Chicago**, Illinois, v. 1, n. 8, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

EMECHETA, Buchi. **Cidadã de segunda classe**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EMECHETA, Buchi. Feminism with a small 'f! In: PETERSEN, Kirsten Holst. **Criticism and Ideology: second african writers' conference**. Stockholm: Scandinavian Institute of African Studies, 1988, p. 173-185. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/social-sciences/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/emecheta-buchi-primary-sources>. Acesso em: 15 jun. 2022.

EMECHETA, Buchi. **Head Above Water**. Londres: Fontana Paperbacks, 1986.

FELDNER, Maximilian. **Narrating the new african diaspora: 21st century nigerian literature in context**. Polgrave Macmillan: Londres, 2019.

FLORA Nwapa: a escritora que influenciou Chimamanda Adichie. 28 out. 2017. **TAG Blog**. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/conheca-flora-nwapa-a->



[escritora-pioneira-que-influenciou-chimamanda-adichie-e-buchi-emecheta/](#). Acesso em: 03 jun. 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediação cultural**. Belo Horizonte: UNESCO, 2003.

HARAWAY, Donna. Reading Buchi Emecheta: contests for Women's experience in woman's studies. **Journal Women: a cultural review**, Londres, v. 1, p. 240-255, 1990. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09574049008578043?journalCode=rwcr20>. Acesso em: 10 abr. 2022.

HARRIS, Leila. Kehinde, de Buchi Emecheta: o lar na diáspora, a diáspora como lar. **Libretos**, Porto Alegre, v. 10, p. 7-21, 2018. Disponível em: <https://ilcml.com/wp-content/uploads/2018/10/1.-Leila-Harris.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 59-93.

OKUYADE, Ogaga. Weaving memories of childhood: the new Nigerian novel and the genre of the bildungsroman. **Ariel**, v. 41.3, n. 4, p. 137-152, outubro, 2010.

ONWORDI, Sylvester. Remembering my mother Buchi Emecheta: 1944-2017. **Revista New Statesman**, Londres, 2017. Disponível em:
<https://www.newstatesman.com/culture/books/2017/01/reme>



[mbering-my-mother-buchi-emecheta-1944-2017](#). Acesso em: 30 abr. 2022.

OYEWUMI, Oyeronke. **The Invention Of Woman: Making African Sense of Western Gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

MACIEL, Nahima. Escritor africano vem a Brasília falar sobre o romance “Os Pescadores”. 25 ago. 2018. **Correio Braziliense**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-earte/2018/08/25/interna_diversao_arte,701801/escritor-africano-vem-a-brasilia-falarsobre-romance-os-pescadores.shtml. Acesso em: 29 jun. 2022.

QUEM foi Buchi Emecheta, a influente escritora nigeriana recém lançada no Brasil. 5 out. 2017. **TAG Blog**. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/quem-foi-buchiemecheta-a-influente-escritora-nigeriana-recem-lancada-no-brasil/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. S. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARTZ, Adriano. A tendência autobiográfica do romance contemporâneo. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, v. 1, n. 32, p. 82-97, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 3 maio 2022.

Recebido em 29/09/2022

Aprovado em 02/12/2022